

Esquizoexperimentações: a emergência de um *cursum* metodológico para a Educação Física cultural

Schizoexperiments: the emergence of a methodological cursum for cultural Physical Education

Pedro Xavier Russo Bonetto
Universidade de Pernambuco (UPE)
Recife-Brasil
Marcos Garcia Neira
Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo-Brasil

Resumo

Nos últimos anos, influenciados pela classificação das teorias curriculares denominadas pós-críticas professores de Educação Física buscaram a proposição de alternativas às concepções tradicionais e críticas já consolidadas no âmbito do componente. De forma bastante heterogênea e complexa, o chamado currículo cultural ou Educação Física cultural espalhou-se e vem ganhando diferentes contornos, a depender dos campos epistemológicos atrelados a sua prática e investigação. O presente artigo descreve as condições de imanência de um *cursum* metodológico denominado esquizoexperimentações, que ao investigar a produção subjetiva de práticas pedagógicas baseadas nessa perspectiva, foi produzido, sob influência das filosofias da diferença, especialmente a de Gilles Deleuze e Félix Guattari, integrando elementos da prática docente e de métodos de agenciamento coletivo.

Palavras-chave: Educação Física; Metodologia; Filosofia da Diferença

Abstract

In recent years, influenced by the classification of curricular theories known as post-critical, Physical Education teachers have sought to propose alternatives to the traditional and critical conceptions already consolidated within the component. In a very heterogeneous and complex way, the so-called cultural curriculum or cultural Physical Education has spread and has been gaining different contours, depending on the epistemological fields linked to its practice and investigation. This article describes the conditions of immanence of a methodological *cursum* called schizoexperimentations, which investigates the subjective production of pedagogical practices based on this perspective. It was produced under the influence of the philosophies of difference, especially those of Gilles Deleuze and Félix Guattari, integrating elements of teaching practice and methods of collective agency.

Keywords: Physical Education; Methodology; Philosophy of Difference

1. Introdução

Foi no início dos anos 2000, que influenciados pela classificação das teorias curriculares denominadas por Silva (1999) de pós-críticas, a partir inicialmente de campos teóricos como estudos culturais e multiculturalismo crítico, que um grupo de professores de Educação Física passaram a analisar o componente e, concomitantemente, produzir uma concepção de ensino baseada na tematização das brincadeiras, danças, lutas, esportes, ginásticas e outras práticas corporais. Na sua descrição das condições de emergência da proposta, Neira e Nunes (2018) mencionam a insatisfação daquele grupo com as concepções existentes no final do século passado. A recorrência a outras formas de análise do social como inspiração para a docência na Educação Física, acabou por reposicionar epistemologicamente o componente, atribuindo-lhe um outro entendimento de conhecimento e outra função social, por meio de práticas curriculares mais democráticas, abertas à diversidade cultural e contextualizadas na sociedade contemporânea.

Ao longo dos anos, as pesquisas realizadas nas escolas, junto a docentes que afirmam colocar em ação o currículo cultural da Educação Física, contribuíram para ampliação dos campos teóricos que inspiram as ações didáticas. Aliada à multiplicidade epistemológica, a questão metodológica impactou sobremaneira no desenvolvimento da perspectiva cultural. O mapeamento das dissertações, teses e relatórios de pesquisa disponíveis no repositório do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da USP (GPEF-FEUSP)ⁱ, evidencia a variedade de métodos, técnicas e formas de análise, contribuindo com a criação de conceitos, princípios pedagógicos, procedimentos e encaminhamentos didáticos.

Lima (2007), por exemplo, interessou-se pela conectividade do currículo cultural da Educação Física com o projeto político pedagógico da escola. Apoiou uma professora na organização e desenvolvimento de situações didáticas voltadas aos objetivos expressos no documento escolar. Macedo (2010) produziu uma experiência com a perspectiva cultural em uma creche no município de São Paulo. Na intenção de compor uma bricolagem de métodos, empregou entrevistas, observação participante, diário de campo e registros fotográficos. Os resultados, quando interpretados com o apoio dos estudos culturais, permitiram-lhe discutir as questões de identidade e as relações de poder que povoam as práticas culturais da instituição.

Neira (2011), ao analisar relatos de prática baseados na perspectiva cultural, empreendeu uma bricolagem de métodos, articulando a pesquisa descritiva, o método

projetivo e a entrevista narrativa. A hermenêutica crítica inspirou as interpretações apoiando-se nos estudos culturais e no multiculturalismo crítico. No mesmo ano, Escudero (2011), interessada em compreender as práticas avaliativas dessa concepção, entrevistou quatro professores e recolheu relatos de experiência e documentos pedagógicos para análise. As interpretações foram entretecidas mediante o confronto com o referencial teórico dos estudos culturais.

Souza (2012) investigou a construção de um currículo cultural de Educação Física na Educação Infantil voltado ao fortalecimento da identidade da comunidade. Com a produção de uma metodologia denominada de “(inter)ação”, inspirada na pesquisa-ação, a autora promoveu entrevistas semiestruturadas, observações com registros em diário de campo, fotos e vídeo. A ação envolveu estudo de formação da professora, planejamento e implementação da prática multicultural crítica. Mazzoni (2013) interessou-se sobre a relação entre as experiências pessoais e o desenvolvimento de uma pedagogia culturalmente orientada. Para tanto, realizou entrevistas semiestruturadas com docentes que afirmam colocar em ação a proposta, analisadas posteriormente com as lupas dos estudos culturais e do multiculturalismo crítico.

Lins Rodrigues (2013), ao indagar a invisibilidade dos corpos e culturas negras, desenvolveu como método um estudo de caso com intervenções baseadas nos estudos culturais e nos estudos étnico-raciais. Para a análise de dados também lançou mão da (hermenêutica crítica. Lins Rodrigues (2015) mencionou a pesquisa-ação enquanto método, empregando a descrição crítica associada à hermenêutica crítica como formas de análise da temática do samba nas aulas de Educação Física como possibilidade de resistência cultural para crianças do Ensino Fundamental.

Eto (2015) também realizou uma pesquisa-ação colaborativa numa escola quilombola mato-grossense. A imersão no campo e o convívio afetivo com a comunidade forneceram as condições para a tematização das práticas corporais cultivadas naquele território. Lima (2015), por sua vez, etnografou durante um ano letivo a prática pedagógica de um professor que participara dos cursos de formação dedicados ao estudo da epistemologia e metodológica da Educação Física cultural. Os registros das observações, os documentos recolhidos e a transcrição das entrevistas foram submetidos à análise mediante o confronto com o mesmo referencial que inspira a proposta.

Esquizoexperimentações: a emergência de um cursum metodológico para a Educação Física cultural

Bonetto (2016), a fim de investigar a didática que caracteriza a concepção cultural, denominada de “escrita-currículo”, desenvolveu um diário de bordo digital para os professores parceiros registrarem suas aulas, empreendeu um grupo de discussão com eles e recolheu relatos de experiência. Para analisar os materiais produzidos, o autor inspirou-se nos conceitos pós-estruturalistas e na filosofia deleuze-guattariana, a partir da geofilosofia e do roubo de conceitos. Müller (2016) realizou um estudo de caso de tipo etnográfico numa escola pública de Ensino Fundamental, com o objetivo compreender o papel dos registros na avaliação. A documentação elaborada foi submetida à análise crítica mediante o confronto com a literatura que fundamenta o currículo cultural.

Santos (2016) tendo por objetivo analisar a tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física, bem como a potencialização de novas tessituras, contou com a colaboração de grupo de professores que atuam nessa perspectiva, e assim, entrelaçou os seguintes dispositivos de produção de dados: grupos de discussão, observações participantes e entrevistas. Recorrendo à hermenêutica crítica como forma de análise, constatou que a tematização das práticas corporais se constitui em importante estratégia de política cultural, enquanto a problematização concatena as ações didáticas que lhe são constituintes.

Oliveira Júnior (2017) investigou as significações expressas pelos sujeitos da educação que experienciam a Educação Física cultural por meio de uma etnografia pós-crítica realizada numa escola municipal de ensino fundamental, ocasião em que se utilizaram técnicas de observação das aulas e de outros momentos escolares, análises da documentação pedagógica e dos registros discentes e entrevistas. Os dados produzidos foram submetidos à análise cultural.

Neves (2018) investigou os efeitos do currículo cultural nas representações dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes. Para tanto, promoveu uma etnografia e uma autoetnografia das aulas de Educação Física culturalmente orientadas. O material produzido foi submetido à análise cultural e confrontado com o pós-colonialismo. Nunes (2018) analisou relatos de experiências produzidos por professores e professoras que afirmam colocar em ação o currículo cultural da Educação Física. O material foi confrontado com os estudos culturais, o multiculturalismo crítico e a produção pós-estruturalista.

Martins (2019) pesquisou a prática pedagógica da Educação Física cultural numa instituição pública dedicada à Educação de Jovens e Adultos. Também recorreu à etnografia

pós-crítica para descrever e analisar as peculiaridades da proposta nessa modalidade de ensino. Borges (2019), ao colocar em pauta os saberes que circunscrevem o currículo cultural da Educação Física, inspirou-se na noção arquivística foucaultiana tomando como *corpus* empírico mais de uma centena de relatos de experiência com a proposta.

Dois trabalhos se destacam com o uso/criação de metodologias de pesquisa ainda mais próximas das chamadas filosofias da diferença. Gehres (2019) criou uma metodologia fortemente influenciada pela pesquisa-intervenção, cartografia e esquizoanálise para aproximar a dança e a Educação Física. Os dados resultaram de um encontro da linguagem no currículo cultural com a dança em três escolas públicas. Vieira (2020) pensou a aprendizagem na perspectiva da Educação Física cultural por meio de uma cartografia: “o que cartografamos são nossos próprios agenciamentos, os encontros com as maquinarias da educação física escolar em profunda relação com o currículo cultural e seu plano de imanência, conceitos, livros, artigos, teses, pesquisadores, docentes, aulas...” (p. 40).

Santos Júnior (2020) referenciou-se no pensamento decolonial latino-americano para articular a prática pedagógica em sintonia com os pressupostos didático-metodológicos do currículo cultural da Educação Física. Ao longo de 18 meses, planejou e desenvolveu com todas as turmas com as quais atuava numa escola pública municipal. Documentou minuciosamente as respostas das crianças ao trabalho efetivo. Os resultados foram analisados mediante o confronto com o mesmo referencial que inspirou as intervenções. A “pluralidade metodológica” empreendida por Duarte (2021) englobou premissas, pressupostos e procedimentos gerais da pesquisa pós-crítica em educação, indicando a pesquisa-ação colaborativo-crítica e a pesquisa nos/dos/com os cotidianos como métodos. Forjou sua metodologia a partir de 15 encontros de formação com a equipe pedagógica de uma escola municipal de Educação Infantil, apoiando e analisando a produção de experiências pedagógicas.

Reis (2021) dialogou com a pedagogia das encruzilhadas para criar e analisar experimentos pedagógicos com as turmas do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental de uma escola estadual. Igualmente inserido na escola pública do interior paulista, Silva (2021) investigou junto às próprias turmas, o processo de resignificação alusivo às práticas corporais após tematizações pautadas pela perspectiva cultural. Souza (2021) entrevistou e observou como professores e professoras planejaram e desenvolveram as aulas de Educação

Esquizoexperimentações: a emergência de um *cursum* metodológico para a Educação Física cultural Física alinhadas à teoria curricular cultural após a rede de ensino em que atua no município do Rio de Janeiro tê-la adotado como projeto institucional.

Augusto (2022) produziu uma pesquisa-ação buscando identificar as potencialidades da Educação Física cultural no trato das questões de gênero e sexualidade. Epistemologicamente, promoveu alianças entre os estudos feministas, a Teoria *Queer* e *queer* decolonial com intervenções pedagógicas culturalmente orientadas nas aulas do Ensino Fundamental. A partir do mesmo referencial, Nascimento (2022) promoveu o que chamou de “*queerização* metodológica” em experiências pedagógicas que tematizaram as ginásticas que tensionaram as heteronormatividades sociais e normatização dos corpos.

Souza (2023) investigou a prática pedagógica culturalmente orientada no triênio pandêmico. Participou da criação de experiências com a proposta no ensino remoto emergencial e no ensino híbrido emergencial. Com apoio dos estudos feministas, analisou os registros desse processo. Também preocupado com as respostas que o currículo cultural pudesse oferecer durante a pandemia, Vieira (2023) cartografou as narrativas docentes com a contribuição argumentativa da filosofia da diferença.

Lopes (2023) interpelou os relatos das experiências que tematizaram práticas corporais de matriz africana e afro-brasileira com o apoio do arcabouço conceitual pós-colonialista e, por fim, Lopes (2024) cartografou a tradução para o contexto da prática do currículo cultural da Educação Física em uma unidade escolar que assume a proposta como política oficial. A documentação produzida foi analisada no encontro com o pensamento filosófico deleuze-guattariano.

Como podemos observar, os métodos utilizados pelos pesquisadores do currículo cultural, ainda que de perfil qualitativo, mostram-se os mais diversos, valendo-se das mais variadas noções de etnografia, pesquisa-ação, grupo de discussão, observação, entrevista e cartografia. Outros utilizaram a análise dos relatos de experiência, bem como da composição de uma metodologia complexa, elaborada a partir da criação ou bricolagem de métodos e formas de análise. Sobre essas, vimos que as pesquisas utilizaram de hermenêuticas, análises culturais e de interpretações com as teorizações que dão aporte a essa perspectiva.

Considerando as particularidades das pesquisas pós-críticas e as idiosincrasias da perspectiva cultural de Educação Física, o artigo em questão apresenta as condições de emergência de um *cursum* metodológico denominado “esquizoexperimentações”, que objetivaram intervir nas subjetividades escolares a partir de experiências pedagógicas com a

Educação Física cultural inspirada na filosofia da diferença. Na ocasião deste artigo, buscamos elaborar uma exposição dos perfis, campos teóricos, conceitos, autores/autoras, ideias, ferramentas, dispositivos de produção de dados criados/utilizados.

2. A emergência das esquizoexperimentações

O mapeamento acima revela algumas características dos métodos das pesquisas realizadas com a Educação Física cultural, a saber: criatividade, contextualidade e inventividade. Em comum, os estudos citados se afiliam ao que Meyer e Paraíso (2014) denominam “metodologias de pesquisas pós-críticas em educação”, isto é, pesquisas a partir desse campo/território instável e perigoso da produção de conhecimentos – os currículos pós-críticos. Em síntese, rechaça-se o caráter normativo e incentivam a reincorporação da criatividade na relativização e revitalização dos métodos a partir dos problemas de pesquisa.

Por isso, construímos nossos modos de pesquisar movimentando-nos de várias maneiras, para lá e para cá, de um lado e para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-nos e aproximando-nos. Afastamo-nos daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamento potentes para interrogar ou descrever-analisar nosso objeto (Meyer; Paraíso, 2014, p. 18-19).

Além disso, as autoras expressam a necessidade de crítica e superação dos modelos supostamente assépticos dos modos de pesquisar modernos, pois estes carregam uma relação entre discurso e verdade, método e descobrimento, conhecimento e saber. Outra poderosa sintonia encontramos em Ribeiro (2016) que, ao recusar as clássicas tendências investigativas fundadas nos princípios de repetição, previsibilidade e controle, propõe o conceito de singularidade de Deleuze e Guattari, atizando-nos a considerar o método como um trabalho de experimentação de pensamento, efeito da imanência dos encontros. Tal abordagem potencializa a natureza aleatória, fortuita, casual do trabalho de experimentação, logo, trata-se de pensar o método como acontecimento.

É a efemeridade do movimento que confere intensidade ao trabalho de experimentação do pensamento. Afirmar a contingência dos encontros no tempo presente, assumindo seus limites constitutivos, implica colocar-se em uma condição radical de permeabilidade, ou melhor, de disponibilidade à afecção diante do imponderável e do inevitável (Ribeiro, 2016, p. 72).

A recusa teleológica do método e sua concepção como acontecimento/experimentação, um gesto criativo, convoca-nos a caracterizar a pesquisa como uma aposta. De perfil absolutamente qualitativo, inspirado nos conceitos de acontecimento e experimentação, indicamos também que a esquizoexperimentação

Esquizoexperimentações: a emergência de um cursum metodológico para a Educação Física cultural enquanto proposta metodológica é fundamentalmente alinhada à filosofia de Friedrich Nietzsche, Henri Bergson, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Silvio Gallo, Sandra Mara Corazza, Alfredo Veiga-Neto, Alexandre Filordi de Carvalho e Cinthya Regina Ribeiro. Impossível seria a reunião de tantas ideias e conceitos dentro de um único significante, classificação ou campo teórico. Por necessidade acadêmica de formalização, apontamos como referência o que se convencionou chamar de filosofia da diferença.

Utilizada como categoria ou campo teórico que reúne algumas perspectivas filosóficas, a denominada filosofia da diferença, não se compõe como um campo bem delimitado e coeso, podendo designar um grupo bastante heterogêneo de concepções filosóficas, de pensadores de diversas épocas, mas que, em comum, participam ou inspiram a cena filosófica. Sem adentrar na teorização que busca distinguir cada uma dessas concepções, interessa-nos especialmente a filosofia da diferença produzida por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Grosso modo, trata-se de uma perspectiva filosófica de forte oposição a uma ideia de totalidade e universalidade, ou seja, a filosofia da diferença se interessa pela singularidade, multiplicidade, imanência e pelo devir, não pelas semelhanças, representações e identidades entre as coisas. Nessa concepção, a diferença é aquilo que escapa do representável da linguagem, que, por sua vez, constitui e impede o pensamento. Assim, potencializar a diferença é potencializar as formas diversas de pensar, criar, atribuir sentido e de existir.

É um pensamento que atesta e descreve as forças que se engendram, que demonstra como uma coisa opera, o que ela aciona, quais suas vontades e como elas funcionam contingencialmente. Esse modo de pensar nunca afirma o que as coisas são. Na constituição da filosofia da diferença, é fundamental considerar os trabalhos de Deleuze (2018) e Deleuze e Guattari (1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b, 2010). Guiando suas análises para alvos representacionais da psiquiatria, linguística e política, a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari produziu (reterritorializou, para usar o termo mais adequado) inúmeros conceitos, em especial: desejo, agenciamento, rizoma, imanência, máquinas de guerra, linhas de força, territorialização/desterritorialização, esquizoanálise, corpo sem órgãos, entre outros. Conceitos forjados em certos campos de imanência para responder a problemas específicos e muito paradigmáticos, por isso fogem da ideia de um termo operacional, de instrumento acabado e pronto para ser usado como chave mestra nos problemas mundanos. Em vez de

simplesmente explica-los, preservaremos o gesto de investigar “operando com eles”, “roubando-os” de seus contextos.

Tratando a filosofia da diferença pelo que ela pode, é preciso assinalar que, para os filósofos franceses, filosofar mostra-se como um gesto de produção, como um ato especialmente criativo, mais especificamente o papel do filósofo é o da criação de conceitos, que mesmo assim, não se configura um gesto criativo, original, fruto de um exercício intelectual brilhante e consciente do pesquisador. Profanando as metodologias e a produção intelectual, os filósofos afirmam que a criação de conceitos implica deslocamento ou roubo. Antes de Deleuze, Bergson (2006) já afirmava que é por meio de experimentações de uma matéria, com uma abertura à imprevisibilidade, que se cria o novo. Na perspectiva bergsoniana, a invenção se faz na dimensão prática da experimentação.

A experimentação é tratada por Deleuze e Guattari como deslocamento de conceitos de outros filósofos, seguida de um uso bastante particular, imanente, que faz produzir diferenciações desses conceitos agora em outras condições. A experimentação se relaciona com a empiria e com o pragmatismo da filosofia da diferença, de modo que os movimentos de escape, de devir, bem como as próprias linhas de fuga, podem, ao mesmo tempo, significar inúmeras coisas (o desejo, o pensamento, os afetos, os perceptos, o corpo etc.), que só são estimuladas por meio de experimentação. Mesmo as questões relacionadas à ética em sua compreensão deleuze-guattariana, como também as noções de agenciamento, produção da diferença e do novo, aludem, de um lado, ao estudo das condições de emergência de novos possíveis e, de outro, à ação filosófica imanente na forma de experimentações.

Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaçostempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos. É o que você chama de *pietàs*. É ao nível de cada tentativa que se avaliam a capacidade de resistência, ou ao contrário, a submissão a um controle. Necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo (Deleuze, 1992, p. 218).

Filosoficamente falando, a noção de experimentação recusa modelos totalizantes, universais e metafísicos. Tomar algo pela experimentação é um exercício, uma aposta, da ordem da invenção, da conexão e da criação.

Ribeiro (2016), quando defende a metodologia de pesquisa em educação como acontecimento, descreve que a noção de experimentação se dá em uma condição contingencial, num encontro, sempre de natureza ímpar, que passa a emergir no horizonte do pensamento para colocar em cena questões acerca do próprio pensar. Também relacionando com a obra de Deleuze e Guattari, a autora diz que a experimentação ocorre a

Esquizoexperimentações: a emergência de um cursum metodológico para a Educação Física cultural partir da invenção de um *modus operandi* desses autores, cuja tônica se faz pela insistente remissão à imanência como condição mesma de um trabalho de experimentação de pensamento. Afirma que Deleuze e Guattari lograram inventar e sustentar um espaço intervalar que se abria.

Vinci e Ribeiro (2018) indicam que as leituras de Deleuze e Guattari, refratárias à visão burocrática, são abertas a experimentações inventivas que parecem provocar a emergência desses comentários, recusando a ser mais uma perspectiva dentre muitas no projeto educativo crítico. A criação, por fim, seria uma força-motriz ou uma ideia a perseverar em muitas das páginas dessa produção, permitindo aos pesquisadores militar em prol de experimentações e problematizações de algumas questões educacionais a partir de endereçamentos artificiais ainda não dados.

Deslizamentos, escorregões ou experimentações, invenções que o jogo exige. Contra as formas canônicas, instaura-se a criatividade malandra desses gestos de escritura que, cheios de gana, sabem que a vitória só é possível invertendo a mesa, erigindo outras regras no interior de um mesmo tabuleiro (Vinci; Ribeiro, 2018, p. 33).

Além de Ribeiro (2016), Carvalho e Gallo (2017) desenvolvem a noção de experimentação no campo das pesquisas educacionais, comentando sobre a concepção de escola enquanto campo histórico de *experimentum scholae* (Masschelein; Simons, 2013). Isso consiste em considerá-la como um laboratório, lugar de constantes ensaios e experimentações, no qual se elaboram processos de criação e produção de novos manejos com o saber, além de relações subjetivas e intersubjetivas. Trata-se de fazermos com que a escola saia de sua pseudoeternidade, um dispositivo pedagógico que reduz todas as potencialidades dos afetos e das expressões de desejo a operações reprodutoras de comportamentos modelados à conformidade institucional. Ir contra a sensação de que não há saída para a escola é um arranjo consequente dessa conjuntura.

Experimentar a escola e fazer da escola um experimento são relações indissociáveis na produção de um outro equipamento coletivo. A cultura do cotidiano escolar, padecida pelos afetos de pseudoeternidade, mina lentamente as ações que poderiam mobilizar os seus sujeitos a pensarem de modo diferente, a quererem se relacionar pelos fluxos de afetos sensíveis mais próximos às singularidades e às multiplicidades humanas, a indagar o conhecimento fora do eixo das verdades meramente aplicadas e lucrativas, e, não menos importante, a produzir condições para que a vida pudesse se afirmar pela via do desejo (Masschelein; Simons, 2013, p. 637).

Carvalho (2020, p. 27), ao abordar a potencialidade do método da esquizoanálise, cita novamente o poder da experimentação como “lançar os barcos ao desconhecido, sendo o próprio barco, mas não para colonizar o desconhecido, apenas por ele passar”. Ademais, questiona: “Que o desconhecido é o mesmo que experimentação? Onde o mundo bloqueia a experimentação, ali deve haver a zona de desconhecimento” (p. 28). Em sua última afirmativa, diz que a esquizoanálise tem a ver com ação coletiva, “uma experimentação existencial para: a) nos deslocar dos choques paralisantes; b) nos potencializar novamente como sujeitos sociais, sem rotulagens; c) espécie de fio de Ariadne a nos remover dos buracos negros” [...] (p. 30).

É desse ângulo que compreendemos a experimentação como uma questão de investigação coletiva, de processos subjetivos de criação, de agenciamento, fortalecendo mutuamente determinadas práticas, por meio estratégias inventivas, exploradas em encontros voltados a experimentações de cunho ético e estético, por fim, como um modo de compartilhar experiências de produção de conhecimento de uma configuração diferente das tradicionais, ortodoxas e científicas. Antes, a experimentação é uma aposta em diferentes concepções, é a busca por novas percepções e afetos e a produção de novos conceitos. Não contentes, decidimos incluir no signo “experimentações” um prefixo muito importante e deveras relevante aos objetivos da pesquisa. Novamente, seguimos as inclinações da filosofia da diferença e criamos as esquizoexperimentações.

Schizo, do grego, significa cisão, corte, fenda, ruptura. Assim, Deleuze e Guattari mobilizam tanto o conceito quanto o personagem do esquizofrênico a fim de romper com as máquinas subjetivas capitalísticas e seus códigos sociais. Nesse contexto, incluem as teorias psicanalíticas edipianas. Em *O Anti-Édipo* (Deleuze; Guattari, 2010), abusam do termo, sugerindo que o conceito opera com a ideia de “separar” e “fender”.

Zourabichvili (2004, p. 17) descreve-o como o corte de um código, que procede por meio de alternativas, exclusões, uma disjunção inclusa, característica do devir e do encontro:

2. ‘O desejo faz escorrer, escoar e cortar’ (AOE,81 p. 11): cortar não é o oposto de escorrer (barrar), mas a condição sob a qual algo escorre; em outras palavras, um fluxo não escorre senão cortado. O que significa então ‘cortar’? Precisamente o regime de escoamento de um fluxo, sua vazão, contínua ou segmentária, mais ou menos livre ou estrangulada. Mas essas imagens excessivamente dualistas ainda são insuficientes: um fluxo será uniforme ou, ao contrário, imprevisível e mutante segundo o modo de corte que o caracterizará. O conceito de corte e, portanto, diferenciado: o código e um tipo; a ‘esquize’, um outro.

Esquizoexperimentações: a emergência de um cursum metodológico para a Educação Física cultural

Em termos conceituais, *esquizo* trata de fluxos, significações, pensamentos, planos e, sobretudo, de desejo. Um desejo produtivo, incontrolável, singular, que faz tudo escapar das linhas duras das máquinas sobrecodificadoras. Deleuze e Guattari (2010) afirmam que o esquizo dispõe de um código de registro particular que não coincide com o código social ou que só coincide com ele a fim de parodiá-lo. O código delirante, o código desejante, apresenta uma fluidez extraordinária. “Dir-se-ia que o esquizofrênico passa de um código a outro, que ele embaralha todos os códigos, num deslizamento rápido, conforme as questões que se lhe apresentam, jamais dando seguidamente a mesma explicação, [...]” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 29).

Quanto ao esquizo, com o seu passo vacilante, que não para de migrar, de errar, de escorregar, embrenha-se cada vez mais longe na desterritorialização sobre o seu próprio corpo sem órgãos, até o infinito da decomposição do socius, e talvez o passeio do esquizo seja o seu modo particular de reencontrar a terra. O esquizofrênico situa-se no limite do capitalismo: é a tendência desenvolvida deste, o sobreproduto, o proletário e o anjo exterminador. Ele mistura todos os códigos, é o portador dos fluxos descodificados do desejo (Deleuze; Guattari, 2010, p. 53).

Nessa concepção, o *esquizo* está no limite dos fluxos descodificados do desejo, fendendo ou cindindo os códigos sociais, porquanto neste há sempre um “Significante despótico que esmaga todas as cadeias, as lineariza, as biunivociza, e se serve dos tijolos como se fossem elementos imóveis para uma muralha da China imperial” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 59). O *esquizo* desliga-os e os leva consigo em todos os sentidos para reencontrar uma nova plurivocidade, que é o código do desejo. Trata-se de relações de intensidades pelas quais o sujeito passa sobre o corpo sem órgãos e opera devires, quedas e elevações, migrações e deslocamentos. Escrevem que tudo se mistura nesses devires, nessas passagens e migrações intensas, em toda essa deriva que sobe e desce no tempo: países, raças, famílias, denominações parentais, denominações divinas, históricas, geográficas e até pequenos fatos. O *esquizo* não tem princípios, ele só é uma coisa sendo outra, por isso, é uma experiência transcendental da perda do Ego. Nesses termos, escrevem os filósofos que a tese do pensamento *esquizo* é simples: o desejo é máquina, síntese de máquinas desejantes – agenciamentos. O desejo é da ordem da produção, toda produção é ao mesmo tempo desejante e social e o *esquizo* vai na orientação da microfísica do desejo, das moléculas que não obedecem às leis estatísticas, ondas e corpúsculos, fluxos e objetos parciais que já não são tributários dos grandes números e das perspectivas de grandes conjuntos.

Como vimos, além da centralidade dada aos conceitos de experimentação e *esquizo*, o método da *esquizoexperimentação* nasce, especialmente, da reterritorialização da cartografia e da *esquizoanálise*, mais fortemente territorializadas em campos de imanência como psicanálise, clínica, filosofia, análise institucional. Fizemos isso da maneira mais “deleuze-guattariana” possível, operando por aproveitamento/roubo, por pura (re)territorialização e criação de conceitos. A criação do significante metodológico *esquizoexperimentações* busca, nomeadamente, deslocar a cartografia e a *esquizoanálise* para o âmbito da educação e da Educação Física, conferindo-lhes características específicas da área pedagógica e das pesquisas educacionais. Para tanto, consideramos:

- Desenvolver-se a partir de uma prática pedagógica efetiva;
- Compartilhar experiências pedagógicas em espaços de agenciamento coletivo (reuniões, grupos de pesquisa, encontros formativos, estágios, pesquisa participativa, entre outras);
- Basear-se na intervenção e na prática pedagógicas contra hegemônicas, anticapitalistas e criadoras;
- Inspirar-se nas filosofias da diferença, uma vez que o que se busca é a experimentação (desterritorialização-territorialização-criação) dos conceitos;
- Produzir-se a partir de diferentes tipos de registros da prática pedagógica (diários de bordo, relatos de experiência, entre outros), a fim de compor uma descrição densa, todavia, considerada sempre um registro parcial.

Em síntese, a *esquizoexperimentação* é um modo de cartografar a produção subjetiva que acontece na escola, na escrita de um dado currículo, uma experimentação que além de analisar as linhas de força que nos constituem, enquanto docentes/discentes, e que compõem tudo o que acontece na escola, torna-se uma excelente inspiração para a produção de conhecimento.

Considerações finais

Pode parecer preciosismo, mas não é, as palavras se diferem, pois, como polias, molas ou engrenagens de uma máquina, fazem a linguagem funcionar. Cada uma delas, quando usada em diferentes tamanhos, desejos, intensidades e sentidos, faz a máquina da linguagem trabalhar de maneira específica. Por essa razão, apesar de incomum, *cursum* foi o termo eleito para o título *supra*. Inicialmente, em substituição ao termo “jeito”, que consideramos muito vulgar. Outra opção era “percurso”, até estudarmos que o sufixo “per” indicava “completo”

Esquizoexperimentações: a emergência de um *cursum* metodológico para a Educação Física cultural e/ou “totalmente”. Completo? De jeito nenhum. Seria uma péssima escolha, uma vez que supomos que “nosso” método não pode ser definido como algo completo, total e íntegro. Aqui, o máximo que podemos fazer a respeito é descrevê-lo exatamente como *cursum*, *trajectus* e *camminus*. Por sorte, no latim, indicam lançar-se, atirar-se, deslocar-se.

É diante desse suposto preciosismo na escolha dos termos que abdicamos de qualquer suporte pré-moldado, pois compreendemos que todas as formas de produzir conhecimento baseadas na racionalidade técnica, na neutralidade e no pensamento lógico-matemático, pouco nos acodem a pensar sobre os processos de subjetivação, desejos, singularidades e modos de vida dentro da instituição escolar. De largada, compreendemos a provisoriedade, os limites e as arbitrariedades que nos acompanham desde as mais tenras intenções de produção desta pesquisa.

Como tentamos narrar, a esquizoexperimentação se constitui como método de investigação coletiva, que focaliza processos subjetivos de criação, de agenciamento, fortalecendo mutuamente determinadas práticas pedagógicas por meio de estratégias inventivas, exploradas em encontros voltados a experimentações de cunho ético e estético. Baseada no mapeamento dos desejos e interesses que movem as práticas pedagógicas e como os dispositivos podem se engajar na produção de processos subjetivos mais flexíveis e abertos, concomitantemente, reconhecendo seus efeitos, a tentativa é incentivar uma prática de pesquisa completamente produzida/criada no ato de lecionar-pesquisar, assumidamente, repleta de vontades e equívocos.

Por fim, ao apresentarmos a esquizoexperimentação, não intuímos apenas a proposição de um método novo, testado e referendado por uma tese de doutoramento, o que por si só, incorreria numa grande contradição com as filosofias da diferença. Aqui baseamo-nos apenas na narração das contingências que fizeram emergir o *cursum* em questão: as esquizoexperimentações. E diante dessas questões, nosso desejo é apenas que as esquizoexperimentações inspirem (no sentido de inalar pelas ideias ou sentimentos de outros), afetem, outros modos de pesquisar e analisar as práticas pedagógicas que se debruçam sobre a tríade: currículo, subjetividade e filosofia da diferença.

Referências

AUGUSTO, C. N. **Encontros no cu do mundo: alianças entre os estudos feministas, queer (decolonial) e a Educação Física cultural.** 2022. 167f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BONETTO, P. X. R. **A “escrita-currículo” da perspectiva cultural de Educação Física: entre aproximações, diferenciações, *laissez-faire* e fórmula.** 2016. 250f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BONETTO, P. X. R.; VIEIRA, R. A. G. **Deleuze-Guattari e a Educação Física.** Belém: RFB, 2023. Disponível em: <https://www.rfbeditora.com/ebook-2023/e7427d11-f645-43f1-9abb-b445e38a1ebd>. Acesso em 12 jan. 2024.

BORGES, C. C. O. **Governo, verdade, subjetividade: uma análise do currículo cultural da Educação Física.** 2019. 181f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995a. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995b. v. 2.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997a. v. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b. v. 5.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUARTE, L. C. **Educação Física cultural na Educação Infantil: imagens narrativas produzidas com professoras e crianças nos/dos/com os cotidianos de uma EMEI paulistana.** 2021. 384 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ESCUADERO, N. T. G. **Avaliação da aprendizagem em Educação Física na perspectiva cultural: uma escrita autopoietica.** 2011. 210f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ETO, J. **Desconstruindo o futebol e a erotização da dança: uma experiência na educação física na escola do campo no Matacavalo.** 2015. 165f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2015.

GEHRES, A. F. **Currículo cultural em educação física e a linguagem corporal: uma intervenção/cartografia a partir da dança na contemporaneidade.** 2019. 125f. Relatório de pesquisa (Pós-doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2019.

LIMA, M. E. A. **Educação Física no Projeto Político-pedagógico: espaço de participação e reconhecimento da cultura corporal dos alunos.** 2007. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.

LIMA, M. E. **Entre fios, “nós” e entrelaçamentos: a arte de tecer o currículo cultural da Educação Física.** 2015. 216f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2015.

LINS RODRIGUES, A. C. **Corpos e culturas invisibilizadas na escola: racismo, aulas de Educação Física e insurgência multicultural.** 2013. 237f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LINS RODRIGUES, A. C. **Culturas negras no currículo escolar: apresentando o samba como possibilidade de resistência cultural.** 2015. 197f. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LOPES, F. C. O. **Das ações transculturais à zona de contato, das práticas enunciativas às escritas em voz alta: cenas das teorias “pós” nas diásporas e no pós-colonialismo em relatos de prática na Educação Física escolar.** 2023. 195f. Relatório de Pesquisa (Pós-Doutorado). Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2023.

LOPES, J. P. G. **Currículo cultural da Educação Física: cartografias dos efeitos na prática docente a partir da filosofia da diferença.** 2024. 235f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

MACEDO, E. E. **Educação Física na perspectiva cultural: análise de uma experiência na creche.** 2010. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARTINS, J. C. J. **Educação Física, currículo cultural e Educação de Jovens e Adultos: novas possibilidades.** 2019. 381f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MAZZONI, A. **“Eu vim do mesmo lugar que eles”:** Relações entre experiências pessoais e uma educação física multiculturalmente orientada. 2013. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MÜLLER, A. **A avaliação no currículo cultural da Educação Física: o papel do registro na reorientação das rotas.** 2016. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, A. S. **Queerizando o currículo cultural de Educação Física: apostando na produção de novos marcos de reconhecimento a partir das cenas didáticas.** 2022. 217f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

NEIRA, M. G. **O currículo cultural da Educação Física em ação: a perspectiva dos seus autores.** 2011. 331f. Tese (Doutorado em Livre-Docência) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica.** 2. ed. Jundiaí: Paco, 2019.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal.** São Paulo: Phorte, 2006.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, Currículo e Cultura.** São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.) **Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física.** São Paulo: FEUSP, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9786587047416> Acesso em 12 jan. 2024.

NEVES, M. R. **O currículo cultural de Educação Física em ação: efeitos nas representações culturais dos estudantes sobre as práticas corporais e seus representantes.** 2018. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

NUNES, H. C. B. **O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da Educação Física.** 2018. 158f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. L. **Significações sobre o currículo cultural da Educação Física: cenas de uma escola municipal paulistana.** 2017. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REIS, R. **Educação Física cultural e africanidades: entre decolonialidades, Exu e encruzilhadas.** 2021. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

RIBEIRO, C. R. O agenciamento Deleuze-Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação **Educação Unisinos**, v. 20, n. 1, p. 68-75, ene./abr. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2016.201.07> Acesso em 12 jan. 2024.

Esquizoexperimentações: a emergência de um cursum metodológico para a Educação Física cultural

SANTOS, I. L. **A tematização e a problematização no currículo cultural da Educação Física.** 2016. 299f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SANTOS JUNIOR, F. N. **Subvertendo as colonialidades: o currículo cultural de Educação Física e a enunciação dos saberes discentes.** 2020. 184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, L. B. **Ensino remoto emergencial em tempos de pandemia: cartografia sobre a experiência na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.** 2021. 116f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA JÚNIOR, W. S. **Currículo cultural e a resignificação: efeito das práticas de resistência.** 2021. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2021.

SOUZA, A. C. C. **Possíveis caminhos de resignificação curricular na Educação Física: uma perspectiva multicultural.** 2021. 360f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos. Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, M. M. N. **“Minha história conto eu”:** multiculturalismo crítico e cultura corporal no currículo da Educação Infantil. 2012. 292f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOUZA, R. A. P. **Desafios e possibilidades do currículo cultural da Educação Física no triênio pandêmico.** 2023. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

VIEIRA, R. A. G. **Conceitos em torno de uma Educação Física menor: possibilidades do currículo cultural para esquizoaprender como política cognitiva.** 2020. 244f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

VINCI, C. F. R. G.; RIBEIRO, C. R. Experimentações com a Pesquisa Educacional Deleuze-Guattariana no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 23-44, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623660813> Acesso em 12 jan. 2024.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Nota

Um coletivo composto, em sua maioria, por professoras e professores que atuam na Educação Básica, realizam experiências pedagógicas e produzem conhecimentos a respeito da perspectiva cultural da Educação Física, também chamada de currículo cultural da Educação Física ou, simplesmente, Educação Física cultural. Disponível em: <https://www.gpef.fe.usp.br/teses-dissertacoes-monografias-e-relatorios-de-pesquisa/> Acesso em: 21/01/2024.

Sobre os autores

Pedro Xavier Russo Bonetto

Doutor em Educação e professor Adjunto da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (ESEF-UPE). É membro do Grupo de Pesquisa em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF/FEUSP) e do Grupo de estudos socioculturais em Educação Física da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco (GESEF/ESEF-UPE). E-mail: pedro.bonetto@upe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3194-1423>

Marcos Garcia Neira

Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É coordenador do Grupo de Pesquisa em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF/FEUSP). E-mail: mgneira@usp.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1054-8224>

Recebido em: 12/05/2024

Aceito para publicação em: 22/05/2024